



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA –
CAMPUS CABEDELO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

LACUNAS NA PAISAGEM: CULTURA DAS VELAS EM CABEDELO

OCIONE DO NASCIMENTO FERNANDES

CABEDELO

2022

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA –
CAMPUS CABEDELO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

LACUNAS NA PAISAGEM: CULTURA DAS VELAS EM CABEDELO

OCIONE DO NASCIMENTO FERNANDES

Projeto apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus Cabedelo, para a obtenção do título de tecnólogo no Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico.

Orientador: Prof.Dr. Ticiano Vanderlei de Siqueira
Alves

CABEDELO

2022

Dados Internacionais de Catalogação – na – Publicação – (CIP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

F363I Fernandes, Ocione do Nascimento.
Lacunas na Paisagem: Cultura das velas em Cabedelo. / Ocione do
Nascimento Fernandes. – Cabedelo, 2022.
66 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Superior em Design Gráfico) – Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB.
Orientador: Prof. Dr. Ticiano Vanderlei de Siqueira Alves

1. Didática. 2. Permacultura. 3. Design gráfico. I. Título.

CDU 316.72:639.21



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DA PARAÍBA

COORDENAÇÃO DO CURSO SUPERIOR DE
TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO DO CAMPUS
CABEDELO



ATA 13/2022 - CCSDG/DDE/DG/CB/REITORIA/IFPB

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

Hoje, dia 08 de março de 2022, às 17h, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus Cabedelo, por meio de webconferência pela plataforma *Google Meet*, presente a Comissão Examinadora integrada pelos(as) Professores(as) Prof. Dr. Ticiano Vanderlei de Siqueira Alves, Prof. Me. Rafael Leite Efrem de Lima e Prof^ª. Dra. Renata Amorim Cadena iniciou-se a Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico do(a) aluno(a) **Ocione do Nascimento Fernandes**, Matrícula 20102701048, intitulado 'LACUNAS NA PAISAGEM: CULTURA DAS VELAS EM CABEDELO'. Concluída a apresentação, arguição e defesa oral do TCC, conforme disposição no Regimento do IFPB - Campus Cabedelo, procedeu-se ao julgamento na forma regulamentar, tendo a Comissão Examinadora considerado o(a) candidato(a) **aprovado(a)** com a média 85 (oitenta e cinco)

Compartilhamento por Renata Cadena

Compartilhamento do documento com a(s) pessoa(s): (Ocione do Nascimento Fernandes (CPF: 024.358.724-45, Aluno 20102701048)) para Leitura;

Finalização por Renata Cadena

09/03/2022 11:53:56

Assinatura por Rafael Efrem

Documento assinado por RAFAEL EFREM (2977672)

08/03/2022 18:53:02

Assinatura por Ticiano Alves

Documento assinado por TICIANO ALVES (2782427)

08/03/2022 18:51:11

Assinatura por Renata Cadena

Documento assinado por RENATA CADENA (1602805)

08/03/2022 18:50:56

Edição por Renata Cadena

antes de assinar ou rejeitar solicitação de assinatura balizadora.

04/03/2022 16:24:35

Criação por Diego Brandao

AGRADECIMENTOS

Ao longo desta trajetória acadêmica, professores, colegas de turma e funcionários do IFPB – Cabedelo foram fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho. Gostaria de agradecer a todos que, direta ou indiretamente, participaram comigo deste processo. Em especial ao Dr. Ticiano Alves pela prestimosa orientação, e aos docentes: Dra. Renata Cadena, Me. Verônica Batista, Me. Rafael Efrem, Dr. Daniel Lourenço, dentre outros, que possibilitaram a efetivação da pesquisa. Agradeço também à toda comunidade do bairro de Jardim Manguinhos, cuja participação foi imprescindível, e por fim, agradeço a minha família pela compreensão e apoio.

RESUMO

Diante da possibilidade de substituição e esquecimento de alguns ofícios e práticas, processo cada vez mais presente na sociedade contemporânea, este trabalho tem o intuito de registrar o cotidiano do pescador artesanal do bairro de Jardim Manguinhos em Cabedelo - PB, na foz do Rio Paraíba do Norte, através de técnicas de Fotografia Documental e de Design Gráfico. Soma-se ainda conceitos da Memória, Identidade, História da Cultura Material e Arqueologia Marítima para promover uma exposição virtual que objetiva preservar e manter a cultura ribeirinha da Cidade.

Palavras-chave: Cultura Material, Preservação do Patrimônio, Comunidade ribeirinha, Fotografia Documental.

ABSTRACT

Faced with the possibility of replacing and forgetting some crafts and practices, a process increasingly present in contemporary Society, this work intends to register the daily life of artisanal fishermen in the neighborhood of Jardim Manguinhos in Cabedelo - PB, at the mouth of the Paraíba do Norte River, using techniques of Documentary Photography and Graphic Design. In addition, concepts from Memory, Identity, History of Material Culture and Maritime Archeology are used to promote a virtual exhibition aimed at preserving and maintaining the city's riverine culture.

Keywords: Material Culture, Heritage Preservation, Riverside community. Documentary Photography.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 05 |
| 1.1 Delimitação do tema..... | 07 |
| 1.1.1 Problema prático..... | 07 |
| 1.1.2 Problema de pesquisa..... | 08 |
| 1.2 Objetivos..... | 08 |
| 1.2.1 Objetivo geral..... | 08 |
| 1.2.2 Objetivos específicos..... | 08 |
| 1.3 Justificativa..... | 08 |
| 1.4 Motivação..... | 09 |
| 2. A CULTURA MATERIAL RIBEIRINHA..... | 10 |
| 2.1 Porto, Estaleiro e Caiçara..... | 10 |
| 2.2 Canoa, Tradição e Memória..... | 13 |
| 2.3 Carro de Geladeira..... | 16 |
| 3. ARTEFATOS E PRÁTICAS ENTRE O RIO E O MAR..... | 19 |
| 3.1 O bairro de Jardim Manguinhos e os ribeirinhos..... | 19 |
| 3.2 A pesca artesanal e a confecção de objetos..... | 21 |
| 3.3 Motores de rabeta e velas..... | 27 |
| 4. PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E IDENTIDADE EM CABEDELLO..... | 31 |
| 4.1 Navegar a vela: memória e identidade..... | 31 |
| 4.2 A corrida de caícos e a manutenção da cultura..... | 34 |
| 4.3 A vela enquanto patrimônio material e imaterial de Cabedelo..... | 38 |
| 5. METODOLOGIA..... | 45 |
| 6. RESULTADOS: EXPOSIÇÃO VIRTUAL NO MUSEU MARÍTIMO EXEA..... | 46 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 48 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 49 |
| GLOSSÁRIO..... | 51 |
| APÊNDICE..... | 52 |
| ANEXO..... | 66 |

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada *Lacunas na paisagem: cultura das velas em Cabedelo*, tem como objetivo expor, através do Museu Marítimo EXEA, a tradição da navegação a vela no bairro de Jardim Manguinhos em Cabedelo – PB, na foz do Rio Paraíba do Norte. Especificamente, pretende-se relacionar estudos acerca do pescador artesanal e o seu lugar espacial e social; fotografar a confecção e o uso de objetos utilizados na atividade pesqueira, e por fim, apresentar a importância da Corrida de Caícos para a manutenção da cultura material ribeirinha.

O pescador artesanal e uma infinidade de agentes sociais são alijados das “narrativas dominantes”, nesse sentido, é preciso inseri-los no processo histórico de formação da identidade cabedelense, dada sua presença na economia e na cultura local (FUNARI e FERREIRA, 2003, p.20). Através de sua inserção no contexto político, econômico e social da cidade de Cabedelo, é possível perceber a importância do pescador artesanal e dos meios desenvolvidos por este, para ocupar o seu lugar na sociedade, desde a confecção e uso de artefatos utilizados na pesca, passando pelo beneficiamento do pescado até a venda, ocorrendo em alguns casos a sobreposição dessas funções pelo próprio pescador.

Pautado em pesquisas referentes ao estudo da Cultura Material, Memória e Identidade, Museologia e Patrimônio, adotou-se uma abordagem multidisciplinar e qualitativa, no intuito de captar as transformações intercambiadas entre os objetos e os agentes sociais ligados à cultura marítima, através da descrição de suas práticas por meio de fotografias, e fundamentado nas análises de Funari e Ferreira (2003), Barros (2004), Moraes (2005), Bonsiepe (2011), Candau (2012), Dohmann (2013), Miller (2013) e Alves (2020). Soma-se ainda técnicas e ferramentas do Design Gráfico: Photoshop, paleta de cores, tipografias, ergonomia, entre outros, associados também às técnicas da Fotografia Documental: fotografia, Plano Geral, Plano Conjunto, Plano Inteiro, Plano Objeto e Plano Detalhe.

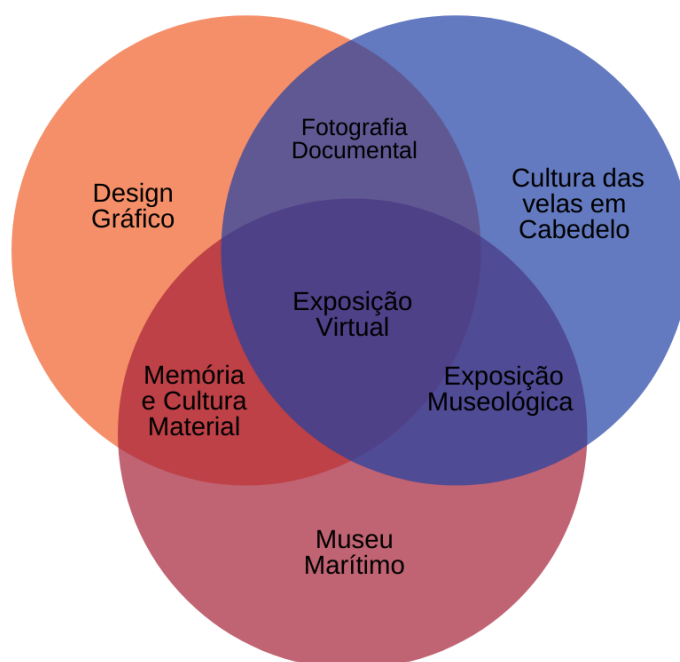
O primeiro capítulo apresenta abordagens teóricas e metodológicas em relação à cultura material ribeirinha, o segundo destaca a pesquisa de campo e o registro de alguns objetos utilizados na pesca artesanal e, por fim, o terceiro

constitui-se do registro e análise da navegação a vela através da Corrida de Caícos.

Muitos são os fatores que comprometem a perenidade da cultura ribeirinha, desde a especulação imobiliária, passando pelo avanço desordenado da urbanização, o subemprego, a degradação do meio ambiente, a escassez de matéria prima e do pescado, etc. “Trata-se, neste passo (...), de analisar-se a adaptação tecnológica e cultural de grupos sociais ao meio ambiente, de examinar-se os modos de organização social e sua capacidade de explorar o território e os recursos naturais”. São situações que incidem sobre a permanência ou não do pescador artesanal exclusivamente na atividade pesqueira. (FUNARI e FERREIRA, 2003, p.46)

É crescente a possibilidade de se perder ao longo dos anos, técnicas, ofícios e tradições que estão cada vez mais em desuso, a exemplo da navegação a vela nas pequenas embarcações, em detrimento da utilização do motor de rabeta para navegar no Rio Paraíba do Norte. Nesse sentido, preservar o registro desse conhecimento em instituições como museus, segundo Barros (2004, p.14), torna-se fundamental para o resguardo do patrimônio material e imaterial que permeia a cidade de Cabedelo.

1.1 Delimitação do tema



Foi desenvolvido no bairro de Jardim Manguinhos, em Cabedelo, um estudo acerca da cultura material e imaterial, desenvolvido através de pesquisas teóricas, da fotografia e da utilização de programas de edição fotográfica, que irão captar aspectos da memória e da identidade ribeirinha, focalizado na navegação a vela na foz do Rio Paraíba do Norte, culminando em uma exposição virtual no Museu Marítimo EXEA, de acordo com técnicas desta área do Design Gráfico.

1.1.1 Problema prático

O desaparecimento e a substituição de objetos da cultura material produzidos e utilizados pelo pescador artesanal, em consonância com a escassez de matéria prima, a falta de recursos e a inserção de produtos industrializados, têm provocado o esquecimento dos ofícios, da memória e da identidade da população do bairro de Jardim Manguinhos, Cabedelo – PB.

1.1.2 Problema de pesquisa

A ausência de políticas culturais e a possibilidade de esquecimento de atividades inerentes à navegação a vela e ao trabalho do pescador artesanal, suscitou o nosso problema de pesquisa. De que maneira as disciplinas: Fotografia I e II, Ergonomia Informacional, Tipografia, Cor e forma, Computação aplicada ao design, Tópicos Especiais em Design, Sociedade e Cultura, dentre outras ministradas durante o Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico, poderão contribuir para a elaboração de uma exposição direcionada a valorização e manutenção da cultura material ribeirinha, de forma que esse trabalho possa servir de referência para a cultura, a educação e o turismo local?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Realizar uma exposição virtual no Museu Marítimo EXEA, apresentando a cultura material e imaterial do pescador artesanal no bairro de Jardim Manguinhos em Cabedelo – PB, na foz do Rio Paraíba do Norte.

1.2.2 Objetivos específicos

- Relacionar estudos acerca da cultura material com o pescador artesanal e o seu lugar espacial e social;
- Analisar a confecção, utilização e manutenção de objetos que compõem a cultura material ribeirinha no bairro de Jardim Manguinhos;
- Divulgar a riqueza material e imaterial de Cabedelo, utilizando técnicas de Design, Fotografia e Museologia.

1.3 Justificativa

Nos últimos anos, atividades ligadas à pesca artesanal estão desaparecendo da foz do Rio Paraíba do Norte, a exemplo da navegação a vela em detrimento da utilização do motor de rabeta. Nesse contexto, a confecção, utilização e reparo de objetos por parte dos pescadores estão sendo deixados de lado, somando-se a falta de estímulo aos jovens em assimilar ofícios e

práticas. Dessa forma, propomos o registro fotográfico da cultura material local e uma exposição virtual no Museu Marítimo EXEA, no intuito de preservar artefatos, práticas e costumes, ainda presentes, mas que estão na iminência do esquecimento. A proposta se justifica, visto que, as exposições em “museus e o incentivo ao turismo são fundamentais para um trabalho com as comunidades locais, para torná-las sujeitos de seu próprio patrimônio, partícipes de um processo de reinterpretação dos signos e símbolos em que se ancoram” (FUNARI e FERREIRA, 2003, p.54 - 55), preservando sua memória e identidade.

1.4 Motivação

Radicado no município de Cabedelo há trinta e cinco anos, tenho observado as transformações sociais e econômicas dos moradores da cidade, em especial, do bairro de Jardim Mangueiros, onde meu pai possuía um caíco e costumávamos pescar e a viver integrados à comunidade ribeirinha. Ao longo das últimas duas décadas, percebo a diminuição de algumas práticas e costumes que incidem sobre a confecção e o uso de objetos da cultura material local que, ao meu ver, precisam ser preservados por uma série de fatores socioculturais, a exemplo da fabricação e utilização de canoas e da respectiva utilização da vela para navegar. Diante do exposto, me propus a registrar, escrever e a divulgar por meio de uma exposição virtual, a cultura e a identidade local.

2. A CULTURA MATERIAL RIBEIRINHA

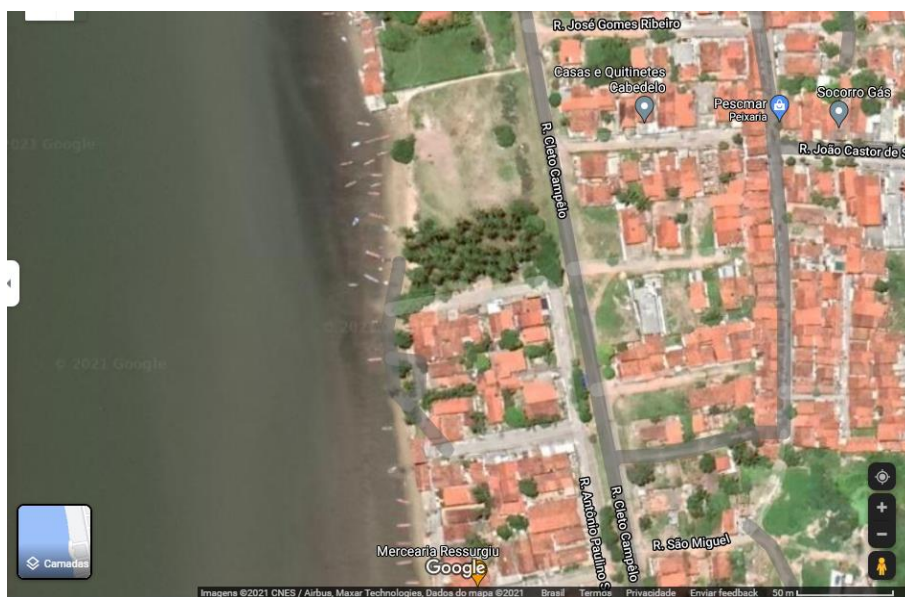
Lacunas na paisagem, a expressão “olha a refrega” vai acabar. Jaz o formato das velas, vem o barulho no mar, outro ritmo a navegar.

Ocione Fernandes

2.1 Porto, Estaleiro e Caiçara

Na foz do Rio Paraíba do Norte, redes de pesca são penduradas para receber pequenos reparos, embarcações são viradas para serem consertadas ou pintadas. O registro de objetos relacionados à pesca artesanal no bairro de Jardim Mangueiros nos traz informações sobre a identidade e a história dos moradores, sendo passível e necessário, nesse sentido, resgatar e preservar a sua cultura material.

Figura 1 - Vista aérea do porto no bairro de Jardim Mangueiros em Cabedelo.



Fonte: Google Maps, acessado em: 30/07/21

O assoreamento constante em função do desmatamento dos manguezais e da vegetação às margens do rio, além do acúmulo de lixo em seu estuário¹, constituem uma situação agravante para a sobrevivência das comunidades ribeirinhas. Em conjunto, esses fatores têm desestimulado a pesca artesanal e

¹ A esse respeito ver: ARAÚJO, Diandra; BEZERRA, Rogério. Mapeamento dos manguezais do estuário do Rio Paraíba, **Revista Principia**, n. 40, p. 63-75, 2018.

todos os processos produtivos ligados a ela, em terra, no rio ou no mar. Em conformidade com a permanência ou mudança dos aspectos que definem a cultura material local, a memória coletiva dos pescadores perpetua a identidade do bairro configurando um modo de fazer específico que é constitutivo de uma noção de cultura mais ampla, a cultura naval.

Não é aleatório o local onde o pescador artesanal realiza reparos no material utilizado na pesca. A confecção e o restauro de embarcações utilizadas na pesca artesanal são atividades corriqueiras com as quais os habitantes do bairro possuem familiaridade, visto que, seu cotidiano é marcado pelo vai e vem das marés.

Figura 2 – Caícos aguardando reparos ao lado de um pequeno estaleiro.



Fonte: Ocione Fernandes

Para podermos proceder a uma análise da cultura material desenvolvida pelo pescador, iremos demandar da interdisciplinaridade, conceito abordado por Alves e Mantas (2015, p.51), para avaliar o processo de formação da identidade local.

Nesse sentido, concordamos com Barros (2004), ao afirmar que:

“A História da Cultura Material, desta maneira, pode ser definida como o campo histórico que estuda fundamentalmente os objetos materiais em sua interação com os aspectos mais concretos da vida humana, desdobrando-se por domínios históricos que vão do estudo dos utensílios ao estudo da alimentação, do vestuário, da moradia e das condições materiais do trabalho humano.” (p. 4-5)

Diante da abrangência do conceito de cultura material, percebe-se que a comunidade de pescadores do Jardim Manguinhos possui uma série de objetos, usos e costumes que se assemelham a um contexto mais amplo, mas que também apresentam suas peculiaridades. Situado na foz do Rio Paraíba do Norte e defronte à Ilha da Restinga, as características físicas do bairro possibilitam uma relação identitária da comunidade com os objetos e a cultura naval.

Ao abordar a temática, Alves (2020, p.8) define:

“Pesca – os membros dessa comunidade possuem uma organização de trabalho bastante distinta das demais, devido a peculiaridade de sua atividade extrativista. (...) De certo que muitas dessas categorias se subdividiriam em outras, formando comunidades mais especializadas. O que todas elas possuem em comum é o fato de estarem ligadas a atividade da navegação e unicamente por esse motivo pertencerem a uma comunidade maior, a naval.”

A memória coletiva fica em evidência no tipo de pescaria desenvolvida no estuário do rio, na forma como é vendido o pescado ou como ocorre o seu preparado, tudo isso é constitutivo da cultura local. É diversificada a composição dos pescadores no estuário do Rio Paraíba. Como meio de subsistência, um número significativo de pessoas vive exclusivamente da pesca, trabalhadores de diversos segmentos complementam a renda com o pescado, há também aqueles que pescam esporadicamente por lazer. A sobreposição das práticas dessa “comunidade naval” (ALVES, 2020, p.8), possibilita um fluxo contínuo de pescadores.

O bairro de Jardim Manguinhos possui caixas e uma diversidade de pequenas embarcações (caícos, canoas, baiteiras, jangas, jangadas, botes, etc.) às margens do rio, caracterizando um modo de vida delineado dia e noite pelo vai e vem das marés e dos pescadores. Segundo Alves (2020, p.3), “Vale salientar que essa cultura material naval não se encontra restrita apenas às embarcações, mas também pode ser achada nas infraestruturas de apoio naval, como: portos, faróis, cais, trapiches, entre outras.”

Figura 3 – Caiçara ao lado do coqueiral no bairro de Jardim Manguinhos.



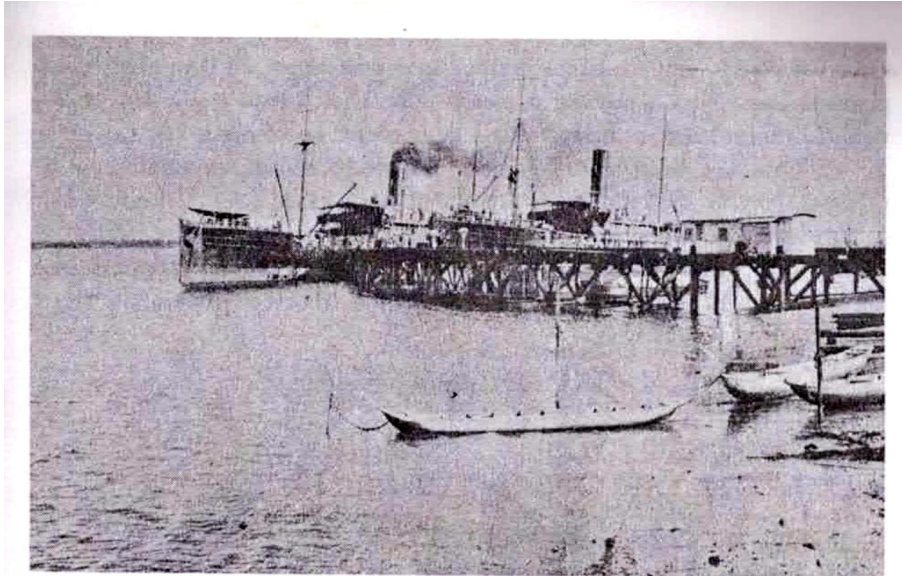
Fonte: Ocione Fernandes

As redes se destacam em meio a uma profusão de artefatos com tamanhos, formas e finalidades variadas – remo, bolina, mastro, tranca, cabos, boia, fateixa, etc. Dentre os objetos da cultura material presentes no bairro, a canoa se destaca pelo seu desaparecimento dos portos ou estaleiros, restando apenas uma unidade em bom estado de conservação.

2.2 Canoa, Tradição e Memória

Sob uma perspectiva histórica, observa-se que desde o final do século XIX a canoa já era utilizada pelos ribeirinhos em Cabedelo, como consta em fotografia apresentada por Pimentel (2002, p. 21), onde é possível constatar algumas canoas ancoradas nas proximidades do “Molhe do Inglês”, o que configura, nesse contexto, um objeto identitário da cultura material da cidade.

Figura 4 – Canoas ancoradas na foz do Rio Paraíba do Norte, no final do século XIX.



Ao lado do Molhe do Inglês encontravam as canoas

Fonte: Pimentel (2002, p.21)

Encontra-se como remanescente, ancorada por décadas no bairro do Jardim Manguinhos, a canoa denominada Janaina I. Esse tipo de embarcação está sendo escanteada pelo pescador artesanal devido, entre outras implicações, à devastação ambiental e a dificuldade de se encontrar madeira adequada para confeccionar os cavernames de sua estrutura. Em detrimento do caíco, a embarcação predominante na atualidade.

Figura 5 – Canoa Janaina I



Fonte: Ocione Fernandes

A cultura material é observada, conforme assinala Mendes (2013, p. 23), no cotidiano, que, para o pescador artesanal, está na sua prática e nos objetos que são empregados na manutenção da sua subsistência. Por esse motivo, a cultura naval às margens do Rio Paraíba do Norte, está por toda parte, dada a quantidade de pequenas e médias embarcações, além dos lugares improvisados para pequenos reparos, bem como infraestrutura de apoio naval, apontada por Alves e Mantas (2015, p.51).

A pesca no rio implica no uso de diversas técnicas e objetos por parte do pescador, influenciando desde o tipo de embarcação utilizada aos tipos de redes, remos, velas, motor, etc. Diante dessa demanda, incide a necessidade constante de investimento na aquisição e reparo dos objetos, que devido ao uso, passam por manutenção frequente, como é o caso das redes e das embarcações.

Os recursos materiais de que dispõe o pescador artesanal dizem muito sobre a sua condição econômica e social. Ter uma embarcação com redes e todo o aparato para se viver da pesca demanda de recursos que, em alguns casos, o pescador não dispõe. Parceria entre pescadores, arrendamento ou empréstimo de objetos não são incomuns e na maioria das vezes estreitam as relações sociais entre eles.

As atividades desenvolvidas em terra ou no estuário do Rio Paraíba do Norte, relacionadas à pesca artesanal devem ser resguardadas do ponto de vista da preservação do seu patrimônio material e imaterial, considerando que, através de processos de construção e utilização da cultura material desenvolvida pelo pescador artesanal, constitui-se a manutenção da memória coletiva e a criação de sua identidade. Segundo Alves:

“Em torno do ato de navegar criou-se conjuntos de elementos únicos, que vão da construção e arquitetura naval, passando pelo manuseio de instrumentos, divisão das funções de trabalho, cultura material que reflete o estilo de vida especializado, edificações em terra e no mar com vistas a orientação e suporte, às formas de se comunicar a bordo, os mitos e os atos religiosos.” (2020, p.1-9)

As especificidades dos objetos que compõem a cultura material relacionada à pesca artesanal no estuário do rio possibilitam análises pertinentes sobre a identidade e a cultura local. Nesse sentido, “(...) como os alicerces da cultura material são objectos do quotidiano, com os quais a maioria das pessoas teve ou tem algum contacto ou relação, estamos perante um património da maior importância em termos de memória e de identidade.” (MENDES, 2013, p. 23).

A constatação de que objetos e práticas da cultura material local estão caindo em desuso nos últimos anos é lamentável, sendo assim, suscitar “qualquer ação preservacionista pode levar à reflexão crítica” necessária à transformação da sociedade em função da necessidade de resguardo da cultura material que caracteriza a identidade e a história de Cabedelo. (FUNARI e FERREIRA, 2003, p.8)

2.3 Carro de Geladeira

Em destaque por seu custo, capacidade de carga e adaptação a diversos tipos de terrenos, o carro de geladeira, como é chamado pelos pescadores, é um transporte confeccionado a partir de uma geladeira inutilizada. Popularizou-se na cidade devido ao baixo custo de produção e manutenção, servindo, ao pescador, ao vendedor de frutas, ao coletor de recicláveis, etc., apesar de não ser disponibilizado para venda em lojas especializadas.

Devido a sua capacidade de carga e mobilidade em terreno arenoso, o carro de geladeira torna-se fundamental e tão importante quanto o barco e a rede, considerando que, se ele estiver quebrado, inviabiliza a pescaria segundo os pescadores. Isso ocorre porque é com esse artefato que o pescador conduz

de casa até a sua embarcação às margens do rio toda uma diversidade de objetos com finalidades e tamanhos variados.

Figura 6 – Carro de geladeira com motor de rabeta.



Fonte: Ocione Fernandes

A ação inventiva do pescador artesanal diante de fatores sociais e econômicos, torna relevante a utilização de alguns materiais em substituição de outros. De acordo com Funari e Ferreira (2003, p. 46), “Trata-se, neste passo (...), de analisar-se a adaptação tecnológica e cultural de grupos sociais ao meio ambiente, de examinar-se os modos de organização social e sua capacidade de explorar o território e os recursos naturais”.

Diante da subvalorização do seu trabalho e de uma sociedade excludente e desigual, o pescador tende a associar recursos naturais com diversos tipos de materiais para a resolução de suas necessidades. O reaproveitamento de recicláveis para confecção das embarcações e objetos utilizados na pesca artesanal é constante e pode ser observado nos detalhes.

Figura 7 – Carro de geladeira com rede de pesca.



Fonte: Ocione Fernandes

Partimos do entendimento de que “Um objeto de cultura material é na verdade a materialização de uma sucessão de processos sociais, políticos, culturais, econômicos e tecnológicos” (BARROS, 2004, p.12). Nesse sentido, para suprir suas necessidades quanto à aquisição e a manutenção dos objetos utilizados na pesca, o pescador desenvolve produtos através da sua ação inventiva e transformadora. Ainda segundo Barros:

“Móveis, objetos decorativos, ferramentas, máquinas, matérias primas que darão luz a objetos manufaturados, veículos que os transportarão ao longo de grandes avenidas e estradas, com destino a determinados grupos de consumidores (...) tudo pode ser objeto de uma História da Cultura Material.” (2004, p.6)

O registro dos objetos e das práticas desenvolvidas pelos pescadores no bairro de Jardim Manguinhos, configura uma proposta pertinente para o estudo da cultura material local, visto que, o modo de viver dos moradores do bairro é integrado à confecção, manutenção e uso dos artefatos utilizados na pesca artesanal no estuário do Rio Paraíba do Norte, na costa de Cabedelo e de municípios vizinhos.

3. ARTEFATOS E PRÁTICAS ENTRE O RIO E O MAR

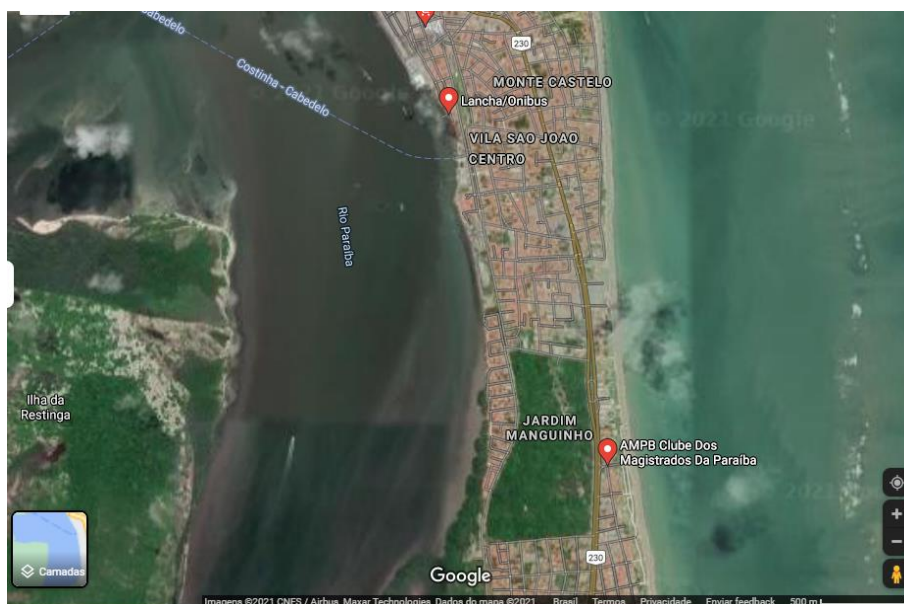
Em Cabedelo, seja no rio ou no mar,
“sine qua non” é navegar.

Ocione Fernandes

3.1 O bairro de Jardim Manguinhos e os ribeirinhos

O bairro de Jardim Manguinhos está situado no município de Cabedelo – Paraíba, entre uma reserva municipal de mata de atlântica e os resquícios de manguezal ao longo da foz do Rio Paraíba do Norte.

Figura 8 – Visão aérea do bairro entre o Mangue e a Mata Atlântica.



Fonte: Google Maps, acesso em: 30/07/21

É cotidiana a prática da pesca artesanal pelos moradores do bairro, e, naturalmente pelo processo de ocupação e ordenamento urbano, alguns locais são escolhidos pela comunidade ribeirinha para realização de suas atividades. Nesse sentido, segundo Alves:

“A escolha de uma determinada localidade para servir de apoio à navegação e para a construção de uma infraestrutura que se adeque as necessidades navais também está vinculada a origem. Quais as razões meteorológicas, técnicas, estratégicas, geográficas, oceanográficas, batimétricas ou topográficas, que levaram a seleção daquela localidade?” (2020, p.8)

O porto que concentra as embarcações fica às margens do Rio Paraíba do Norte, de frente a uma área pertencente à Marinha do Brasil, até então, acessível à comunidade ribeirinha. Ao lado existe um coqueiral onde os pescadores

acomodam alguns barcos para pequenos reparos, além de caixas improvisadas para guardar o material utilizado na pesca, principalmente as redes, com diversos tamanhos de malhas, que ficam penduradas em função da limpeza e manutenção necessárias após a pescaria.

Não é aleatório o local onde o pescador artesanal realiza reparos ou abriga o material utilizado na pesca. As redes se destacam em meio a uma profusão de artefatos. São atividades corriqueiras nas ruas e ainda possíveis de observar no bairro de Jardim Manguinhos, a exemplo dos pescadores costurando redes de pesca dispostas sob a sombra de uma árvore, um misto de técnica e paciência, dada a complexidade da cultura ribeirinha, que é transmitida abarcando aspectos da cultura material e imaterial presente no cotidiano dos ribeirinhos.

Figura 9 – Pescadores costurando rede de pesca.



Fonte: Ocione Fernandes

No bairro de Jardim Manguinhos, há atividades artesanais e modos de fazer e usar transmitidos por gerações, como pintar ou calafetar uma embarcação, navegar a vela, dentre outras, que se transformam ao longo dos anos e constituem o trabalho do pescador em terra e no mar. Essas práticas artesanais devem ser incentivadas, pois “De forma genérica, património implica legado, herança, transmissão de algo de ascendentes a descendentes.” (MENDES, 2013, p. 12)

A vivência no bairro é marcada pela pesca artesanal e todo conjunto de objetos e práticas, que de tão comuns, não causam estranhamento ao morador local, dada a sua familiaridade com as atividades ligadas ao rio ou ao mar. Na foz do Rio Paraíba do Norte é possível observar a sobreposição dos objetos da cultura material.

O desenvolvimento de artefatos e práticas realizadas pelos ribeirinhos em terra ou durante a navegação a vela é constante. Exemplo disso é a utilização de fibra e resina para revestir a tranca de bambu utilizada na vela, tornando-a mais resistente e flexível. Outra mudança observada foi no pau de queda, que atualmente são dois e traz a inovação de alguns marcos de madeira para definir o posicionamento dos pescadores no momento de fazer o contrapeso na embarcação, possibilitando assim, um aumento na velocidade devido à pressão do vento na vela.

O registro de objetos relacionados à pesca artesanal no bairro nos fornece informações sobre a identidade dos moradores e sua formação histórica e cultural, sendo possível e necessário, nesse sentido, preservar a sua cultura material.

3.2 A pesca artesanal e a confecção de objetos

No bairro de Jardim Manguinhos é comum encontrarmos moradores que tenham alguma história sobre navegar e pescar no Rio Paraíba do Norte. Isso estende-se ao consumo de peixes e crustáceos, e à sua consequente forma de preparo, repleta de afetividade e memória. Registrar e expor artefatos e práticas que estão em constante transformação e, em alguns casos, em processo de desuso, é fundamental para o processo de ratificação da identidade local e preservação da cultura material ribeirinha.

Iniciamos o registro fotográfico às margens do rio, apreendendo aspectos do cotidiano do pescador artesanal. Atualmente predominam os pescadores que complementam a renda ou pescam por lazer. No entanto, focamos no trabalho do pescador Reginaldo Pedro da Silva, conhecido por “Rei”, pois ele vive exclusivamente da pesca artesanal e está inserido em todas as etapas da cadeia produtiva, visto que, além de pescar, ele manufatura e vende o pescado.

Figura 10 – Pescador “Rei” colocando redes em caíco com motor de rabeta.



Fonte: Ocione Fernandes

As embarcações que Rei possui ficam ancoradas a cerca de 200 metros de sua residência, onde construiu ao lado uma pequena caçara com paletes, para guardar o material utilizado nos diversos tipos de pescaria que pratica, desde redes, carro de geladeira, mastros, velas, boias, até motor de rabeta, remos, caixa de isopor, etc.

A pesquisa de campo e o registro fotográfico dos objetos da cultura material ribeirinha trazem informações significativas sobre a formação identitária da população local e o seu modo de viver. Segundo Dohmann:

“O objeto reflete vivências e simbolismos que envolvem universos mentais, em atribuições de sentidos caracterizadas por fluxos imagéticos de diferentes graus de subjetividade, desde simples experiência de “estar-no-mundo” até a aura criada pelo próprio artefato, na sua condição de ícone, na tarefa de comunicar experiências culturais.” (2013, p.33)

Figura 11 – Caiçara ao lado da casa do pescador.



Fonte: Ocione Fernandes

Embarcações navegando a vela no Rio Paraíba do Norte ou na costa fazem parte da memória e da identidade dos moradores de Jardim Manguinhos, são objetos e práticas que representam a cultura local. A canoa está em destaque devido ao seu valor histórico e possibilidade de vir a ser, em breve, um objeto da cultura material local a cair no esquecimento. Através do registro da canoa Janaína I, em meio aos caícos, tipo de embarcação predominante na atualidade, é possível observar as diferenças sutis no formato dos dois tipos de embarcação.

Figura 12 – Canoa entre caícos.



Fonte: Ocione Fernandes

Devido à sua estrutura de cavernames, que é feita a partir de troncos ou galhos de árvores, a canoa possui traços curvilíneos ao longo de sua extensão; ao passo que, com o caíco, há predominância das linhas retas, por esse ter sua estrutura confeccionada com madeira manufaturada.

Em função da histórica degradação ambiental por que vem passando o estuário do Rio Paraíba do Norte, e da crescente necessidade de preservação da Mata Atlântica, os construtores dos dois pequenos estaleiros situados no bairro de Jardim Mangueiros utilizam madeira proveniente de podas de árvores, a exemplo da Jaqueira, usada nos cavernames e em outras peças necessárias à confecção de embarcações. Além de tábuas, linhas, caibros, pregos, parafusos, tintas, etc. adquiridos em lojas especializadas da cidade.

A importância atribuída pelo pescador artesanal aos artefatos através das técnicas de que dispõe para realização do seu trabalho e subsistência, evidencia a intrínseca relação que se estabelece em suas práticas e os objetos de que dispõe. Dohmann (2013, p.34) afirma: "Cada item reúne informações detalhadas para o entendimento de quem somos, onde estamos e o que fazemos, provocando uma fusão de aspectos emocionais e racionais".

Seja no ofício do designer ou no trabalho artesanal, a inovação e a busca por materiais alternativos e sustentáveis estão na ordem do dia. Moraes (2005, p.181), assinala que os irmãos Campana no desenvolvimento de seus projetos

utilizavam “materiais e objetos incomuns”. Os pescadores, a seu modo, também são incansáveis na busca por materiais alternativos ou recicláveis, e surpreendem ao produzir artefatos, a exemplo do samburá para acondicionar o camarão pegado de mão, feito com fios de telefone e pedaços de PVC descartados.

Figura 13 – Samburá feito de fio de telefone e PVC.



Fonte: Ocione Fernandes

Ainda segundo Dohmann (2013, p.34), o objeto é “uma prova documental que imprime suas insofismáveis marcas nos indivíduos, criando interna e externamente um processo dinâmico, comunicativo e intercultural.” Os pescadores do bairro estabelecem uma relação simbiótica com os objetos, e cada um tem um pouco do seu dono devido a constante necessidade de manutenção e reparos. Se uma embarcação, por exemplo, passou por vários donos ao longo dos anos, é possível observar a sobreposição dos reparos e as diferentes técnicas e materiais empregados nos reparos.

Nesse sentido, concordamos com Bonsiepe ao afirmar que:

“O uso de recursos locais (motivos gráficos, combinações cromáticas, materiais e processos de produção intensivos em mão de obra) em relação ao design e criação da identidade pode ser visto, de maneira exemplar, em países periféricos. Em grande parte, essas atividades pertencem ao setor informal da economia e geralmente aplicam processos simples e não intensivos de capital.” (2011, p.62-63)

Sendo assim, quanto à cultura material produzida pelo pescador artesanal, é possível analisar dentre outras situações que permeiam o cotidiano de uma comunidade ribeirinha, a confecção dos objetos usados na pesca, o seu uso e possíveis reparos, o abandono de um objeto por outro e sua adaptação a novos materiais. Essa última situação confere características sustentáveis ao trabalho dos ribeirinhos a partir do aproveitamento de materiais recicláveis ou alternativos, como assinala o quadro a seguir.

Tabela 1 – Objetos confeccionados com materiais recicláveis/alternativos.

| Produto final | Material reciclado |
|--|---|
| Carro de geladeira utilizado para transportar o material utilizado na pesca artesanal. | Casco de geladeira e pneu de bicicleta ou de moto, garfo de bicicleta ou de moto. |
| Cuia para retirar água do barco ou jogar água na vela. | Capacete usado na construção civil ou na estiva. |
| Agulha para costurar rede de pesca | Cano PVC 40 |
| Porta isca | Cano PVC 100 |
| Samburá para acondicionar o pescado | Cano PVC 100, fio de telefone, náilon, etc. |
| Pano de vela | Saco de náilon ou tecido |
| Jangada | Isopor usado em embalagens |
| Amarração, reparos, atracação e proteção das embarcações. | Pneus usados |

Fonte: Elaboração própria.

Abordamos fatores que incidem sobre a mudança de práticas entre os ribeirinhos. Esses processos ocorrem de forma lenta e gradual, assimilando mudanças políticas e sociais, a demanda do mercado, a mudança de materiais, etc. São diversos fatores a serem considerados, visto que:

“Os objetos são os suportes materiais que auxiliam na compreensão do passado e, sobretudo, no estabelecimento das relações com o tempo presente. Os artefatos representam as possibilidades materiais e imateriais de uma determinada cultura, reflexo de um universo de relações sociais de trabalho.” (DOHMANN, 2013, p.35-36)

A cultura material e imaterial ribeirinha tem possibilitado o desenvolvimento de artefatos contemporâneos confeccionados com materiais recicláveis, como é o caso do carro de geladeira, que tem a sua presença disseminada não só nas atividades ligadas à pesca, mas também por outros segmentos influenciados pelo trabalho artesanal ou informal.

3.3 Motores de rabeta e velas

O motor de rabeta popularizou-se rapidamente entre os ribeirinhos devido à facilidade de acesso e manutenção, baixo consumo de combustível e potência compatível com as embarcações predominantes no estuário do Rio Paraíba do Norte. A adesão do pescador artesanal ao motor implicou em mudanças na sua vida diária, nesse sentido, percebemos que ao longo dos anos, as velas foram ficando de lado. É um processo que tem se acentuado, por isso, nosso intuito é registrar a navegação a vela, bem como o conhecimento e os objetos necessários a esta prática.

A utilização dos motores de rabeta na pesca, dada a sua praticidade frente aos objetos necessários à navegação a vela (mastro, tranca, pano, bolina, remo de governo e pau de queda), tem mudado a relação entre espaço e tempo no labor do pescador artesanal.

Figura 14 – Coexistência entre motor de rabeta e vela.



Fonte: Ocione Fernandes

A coexistência entre a navegação a vela e a pesca com motores de rabeta é possível, mas é preciso praticar para que não ocorra o esquecimento dos ofícios e o abandono da cultura material e imaterial que possibilita o ato de navegar, diante da praticidade trazida pelos motores no trabalho do pescador artesanal. Não por acaso, os ribeirinhos desenvolveram o carro para transportar motor de rabeta, artefato confeccionado em madeira com eixo e rodas, específico para esse uso.

Figura 15 – Carro para transportar o motor de rabeta



Fonte: Ocione Fernandes

São notórias as vantagens do motor de rabeta para o pescador artesanal, porém, é preciso manter a corrida de caícos, que perpetua a tradição de navegar utilizando a vela. Através de ações preservacionistas, que, em geral, partem dos próprios pescadores ao promover eventos, ou contam com o apoio eventual e insuficiente da prefeitura e de empresas situadas no município.

A pesquisa evidencia efetivamente a preponderância da utilização de motores de rabeta nas embarcações que são utilizadas pelo pescador artesanal na foz do Rio Paraíba do Norte. No caíco, esse tipo de motor, devido a sua disseminação e praticidade na lida do pescador artesanal do bairro de Jardim Manguinhos, tem se mostrado eficiente ao longo dos anos.

Figura 16 – Caícos a vela e seus respectivos motores de rabeta.



Fonte: Ocione Fernandes

Aos poucos a navegação a vela tem adquirido uma conotação que se distancia da lida com a pesca artesanal e se aproxima da recreação e do lazer, exceto quando o pescador guarda o motor de rabeta para utilizar a vela e realizar a pescaria de facheado na costa durante a noite, pois precisa de silêncio para não espantar os peixes, voltando a usar o motor após a pescaria.

Atualmente, o pescador artesanal de Cabedelo tem preferido o motor de rabeta para o trabalho, utilizando a vela de forma simbólica, para o entretenimento e confraternização durante a Corrida de Caícos, momento em que as inovações e ajustes dos objetos, e, sobretudo, o bom desempenho durante a navegação no rio ou na praia é a finalidade principal dos participantes.

4. PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E IDENTIDADE EM CABEDELLO

Sob a Cultura Material ribeirinha em Cabedelo, há memória e identidade, pois navegar a vela no Rio Paraíba do Norte é vislumbrar a História da cidade.

Ocione Fernandes

4.1 Navegar a vela: memória e identidade

A navegação a vela já teve o seu apogeu na foz do Rio Paraíba do Norte. Nas últimas décadas essa tradição entre os ribeirinhos de Cabedelo tem passado por mudanças significativas em suas práticas cotidianas. É inviável a noção de identidade dissociada da memória. No caso dos ribeirinhos, ela é quem traz os anseios e aspirações para a realização de atividades ligadas à navegação. Essa herança cultural advinda da memória, além de manter a tradição, possibilita a inovação a partir do avanço do conhecimento adquirido. Nesse sentido, “A perda de memória é, portanto, a perda de identidade.” (CANDAU, 2012, p.59)

Durante a pesquisa no bairro de Jardim Manguinhos foi possível identificar “(...) como a escolha dos materiais que irão compor o futuro objeto a ser fabricado, influenciará de forma significativa, a sua configuração final, o seu *design*” (DOHMANN, 2013, p.26), através da evolução dos artefatos desenvolvidos pelos ribeirinhos em função da mudança de materiais utilizados, como ocorre com os panos das velas dos caícos, que no passado eram confeccionadas com sacas de silagem de 60kg, de plástico ou de tecido branco, que depois de cortadas ao meio e costuradas no tamanho e formato da vela, funcionavam perfeitamente e cumpriam a função desejada pelo pescador durante a navegação.

Figura 17 – Vela aberta com tranca de nove metros.



Fonte: Ocione Fernandes

Em alguns caícos os mastros das velas atingem oito metros de altura, ao passo que a tranca chega a atingir nove metros de largura. Chama atenção o tamanho, as cores, a simetria entre as velas, e, sobretudo, a técnica dos ribeirinhos no ato de navegar, disseminando em seu cotidiano as práticas de uma “protomemória”. A esse respeito Candau afirma:

“(…) sobre protomemória: é provável que os membros de uma mesma sociedade compartilhem as mesmas maneiras de estar no mundo (gestualidade, maneiras de dizer, maneiras de fazer etc.), adquirida quando de sua socialização primeira, (...) o que Ernest Gellner chama de “capital cognitivo fixo”, compartilhado pela maioria dos membros de um grupo e que confere a este uma identidade dotada de uma certa essência.” (2012, p.26)

A utilização de cores vibrantes e intensas (laranja, vermelho, azul, preto, verde, etc.) nas velas dos caícos envolvidos na corrida decorre do acesso dos ribeirinhos a novos materiais. No contexto atual, essas novas “Cores, materiais e design ajudam a configurar estilos e modelos, aos quais atribuímos uma série de significações que, paralelamente, nos ajudam a estabelecer uma noção de tempo”. (DOHMANN, 2013, p.37)

Figura 18 – Resistência e beleza das Velas com tecido de paraquedas.



Fonte: Ocione Fernandes

A constatação que se tem é a de que a utilização das velas nos barcos está cada vez mais perdendo a sua conotação de trabalho, transporte e subsistência, em detrimento da utilização para a recreação, o lazer e a competição durante a Corrida de Caícos. Segundo Dohmann:

“O sentido que os objetos tem para uma determinada sociedade, sua finalidade e uso influenciam e definem a identidade cultural desse grupo. Os objetos tem um sentido histórico, uma vez que informam sobre o homem em seu local e no seu tempo.” (2013, p.15)

Apesar da redução drástica na utilização das velas, em função da adesão ao motor de rabeta, os ribeirinhos passaram a dar-lhes uma outra finalidade ao utilizar um tipo de tecido resistente, leve e com variedade de cores, semelhante ao utilizado em paraquedas, que possibilita ao pescador criar composições interessantes entre a vela e a embarcação.

Figura 19 – Caíco navegando a vela na costa de Cabedelo.



Fonte: Ocione Fernandes

No rio ou no mar, atualmente é notória a ausência das velas na paisagem local, tornando-se possível vê-las, assim como o investimento e o zelo que os pescadores dedicam às embarcações e às velas, principalmente durante a Corrida de Caícos, confraternização que configura a principal iniciativa para manter a navegação a vela em Cabedelo.

4.2 A Corrida de Caícos e a manutenção da cultura

Por iniciativa própria, os pescadores e moradores organizam as corridas, que configuram um verdadeiro evento cultural no bairro de Jardim Manguinhos. O colorido das velas e a disputa acirrada entre as equipes conquista a atenção dos moradores, que se aglomeram às margens do rio para prestigiar a Corrida de Caicos, essa, historicamente realizada nos finais de semana, é complementada também por outras atividades recreativas, como os bingos, que distribuem pequenos prêmios e configuram um atrativo a mais para a população ribeirinha.

Figura 20 – Moradores aguardando o início da Corrida de Caícos.



Fonte: Ocione Fernandes

Como assinala Dohmann, “em função da importância e valor simbólico agregado” (2013, p.36), o tipo de embarcação predominante atualmente entre os ribeirinhos do bairro de Jardim Manguinhos é o caíco, que possui, em conjunto com a vela, um formato bem peculiar em relação às características estéticas e padrões de embarcações de outras regiões do Brasil.

É preciso ressaltar que a intenção deste trabalho não é registrar a corrida com seus vencedores e respectiva premiação, e sim, evidenciar a navegação a vela e todo o conjunto de artefatos e técnicas que possibilitam essa prática, com o intuito de fomentar o desenvolvimento e preservar a cultura local, além de:

“contribuir para levantar novas discussões sobre o estudo do patrimônio naval, e que estas promovam o aprofundamento dos seus conceitos e estabeleça metodologias de investigações de caráter multidisciplinar, essenciais para uma melhor interpretação dos vestígios materiais sobreviventes e compreensão da importância destes para as comunidades associadas aos mesmos.” (ALVES, 2020, p.9)

Acompanhando a movimentação intensa de barcos e velas às margens do rio, crianças e adolescentes vislumbram a interação entre artefatos e pessoas, bem como esse estilo de vida, essa cultura material e imaterial que está intrinsecamente relacionada com a natureza, suas origens e memória, um legado que tem se mantido por meio dessas iniciativas.

Figura 21 – Ajustes finais nas velas antes da corrida.



Fonte: Ocione Fernandes

Durante os preparativos para a corrida, os pescadores se reúnem de forma improvisada às margens do rio para definir as regras do evento, que serão aplicadas às equipes que possuem de 3 a 5 componentes. Atualmente, é incipiente a iniciativa de representantes do setor público no evento, como fomentadores do desenvolvimento e da preservação da cultura local. No entanto, essa dificuldade não impossibilita a capacidade de mobilização comunitária, que, de forma autônoma e independente, vem com muito esforço ao longo dos anos, mantendo a tradição da Corrida de Caícos.

A corrida acontece esporadicamente, entretanto, constitui uma prática cultural significativa para os ribeirinhos, que se acomodam às margens do Rio Paraíba do Norte com familiares e amigos. Sob a dinâmica do vai e vem das marés, os moradores observam atentamente, desde os preparativos, a testagem e ajustes dos objetos no intuito de obter um melhor desempenho durante a navegação, passando pela partida das embarcações, a disputa das velas ao longe, até a chegada, acordada previamente entre os pescadores e demais organizadores do evento.

Figura 22 – Os moradores do bairro de Jardim Manguinhos acompanham a Corrida de Caíco.



Fonte: Ocione Fernandes

Nesse sentido, a Corrida de Caícos, com suas velas coloridas, torna-se efetivamente um momento de culminância da navegação no Rio Paraíba do Norte, dada a importância representativa para a comunidade. A promoção dessas corridas incentiva a preservação da cultura material e imaterial e, sobretudo, da identidade local. Constitui-se, portanto, uma atividade cultural que carece de incentivo do setor público e inserção no calendário municipal de festividades com a realização de eventos periódicos.

O formato das velas usadas nos caícos que navegam no referido rio são, como define Dohmann (2013, p.16), “as digitais”, dos ribeirinhos locais. No decorrer das últimas décadas, apesar de não apresentarem mudanças significativas em seu formato, observa-se uma mudança de materiais, utilizando-se de tecido atualmente melhorado quanto à flexibilidade, resistência e maior gama de cores.

Figura 23 – Disputa acirrada entre as equipes após a largada.



Fonte: Ocione Fernandes

Os organizadores da corrida providenciam, quando possível, estruturas com suporte que dispõem de banheiro químico, tenda, carro de som, além da oferta de bebidas e comidas típicas da região. Dessa forma, os pescadores se organizam “a fim de produzir uma memória adequada à reprodução de saberes e fazeres e à manutenção da identidade da profissão” (CANDAU, 2012, p.118 - 119), processada no cotidiano, numa verdadeira simbiose com os objetos, envolvendo diversas atividades ligadas à pesca e cultura ribeirinha.

4.3 A vela enquanto patrimônio material e imaterial de Cabedelo

Esta análise da cultura material e imaterial presente nas atividades desenvolvidas pelos pescadores no bairro de Jardim Manguinhos é uma percepção identitária suscitada pela vivência entre membros da comunidade. Registrar algumas práticas por meio de fotografias, assim como escrever sobre as transformações sociais processadas em Cabedelo, é necessário para fomentar nos cabedelenses, a noção de pertencimento à cultura local. Candau corrobora com essa abordagem ao afirmar que:

“Auxiliar de uma memória forte, a escrita pode, ao mesmo tempo, reforçar o sentimento de pertencimento a um grupo, a uma cultura, e reforçar a metamemória. Assim, o escritor local, aquele que tem o poder de registrar os traços do passado, oferece ao grupo a

possibilidade de reapropriar-se desse passado através dos traços transcritos.” (2012, p.109)

O registro fotográfico dos pescadores às margens do rio, manuseando diversos artefatos navais – barcos, mastros, remos, velas, etc., possibilita a análise de suas práticas e modo de viver e se relacionar socialmente e com a natureza. Sendo assim, os aspectos imateriais da cultura local presentes nas atividades corriqueiras dos pescadores ficam em evidência e dão sentido aos objetos em função da importância social que desempenham.

Marcus Dohmann (2013) afirma que:

“O olhar sobre os objetos e as indagações que lhe são propostas sempre configurou elementos determinantes para o conhecimento sobre realidade dos indivíduos. Para além do seu conteúdo físico exclusivo, a cultura material constitui-se em exposição e fonte de conhecimento sobre a técnica, tecnologia, funcionalidade, estética, suas formas de apropriação e, sobretudo de uso. A produção humana de artefatos estabelece uma relação direta com suas necessidades, sejam materiais ou imateriais, expressando padrões culturais locais e de tempo.” (2013, p.36)

Ao longo das últimas décadas, a composição do caíco a vela, assim como a forma de utilização desses objetos da cultura material local tem mantido a sua identidade, exceto por pequenas alterações em decorrência da ausência ou surgimento de novos materiais, a exemplo de, respectivamente, madeira nobre e pano de vela, confeccionado a partir de tecido de paraquedas.

Figura 24 – Corrida de Caícos na costa.



Fonte: Ocione Fernandes

O aprendizado dos ofícios em geral parte do conhecimento dos pais ou avós e possibilita aos ribeirinhos evidenciar que “A memória é a identidade em ação” (CANDAU, 2012, p.18). Na cultura local a forma como confeccionam e utilizam os objetos é repleta de referências materiais e imateriais dos seus antepassados. Desde o tipo de embarcação, passando pela cor da vela, a forma de navegar ou pescar, etc., são traços culturais que demandam do conhecimento de gerações.

Os objetos dizem muito sobre o seu proprietário, chegando a fazer parte de sua própria identidade em relação a forma como é visto e se relaciona socialmente. Isso ocorre com os trabalhadores que, assim como o pescador artesanal, utilizam o carro de geladeira para adquirir o sustento de sua família. O vendedor de frutas, o vendedor de vassouras, o coletor de recicláveis, etc. que com seus carros de geladeira repletos de objetos ou mercadorias, transitam diariamente pelas ruas da cidade e não passam despercebidos entre os moradores e transeuntes do bairro.

Segundo Candau (2012):

“A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.” (2012, p.16)

Em Cabedelo é notória a relação que se estabelece entre a memória e a identidade através da confecção e utilização de objetos pelos ribeirinhos em seu cotidiano. São instâncias que constituem um verdadeiro patrimônio cultural produzido ao longo de décadas de práticas ligadas à navegação no Rio Paraíba do Norte e no mar.

Figura 25 – Os jovens e a manutenção da cultura ribeirinha.



Fonte: Ocione Fernandes

A presença de jovens mirando às velas ao longe traz perspectiva de continuidade. Pais transmitem aos filhos, de forma material e afetiva a cultura ribeirinha. Desde a confecção e reparo de objetos, até a forma como manuseá-los durante a navegação ou pescaria. Isso nos fornece, apesar do processo de esquecimento, da ausência das velas em detrimento do barulho das rabetas dos motores riscando as águas do rio e da falta de incentivo às práticas culturais, uma perspectiva positiva quanto à conservação desses saberes e ofícios por parte das futuras gerações. Nesse sentido, é necessário incentivar, registrar, documentar e divulgar, esses aspectos identitários desenvolvidos no bairro.

Figura 26 – Caícos e equipe após a chegada.



Fonte: Ocione Fernandes

A dinâmica desenvolvida pelos ribeirinhos para confeccionar e utilizar os artefatos necessários à navegação, pesca ou lazer, contribui para a análise dos aspectos culturais da cidade de Cabedelo. De acordo com Marcus Dohmann (2013):

“Da mesma forma que os objetos antigos, expostos à contemplação em museus atestam o grau de conhecimento e técnica empregados pelos seus criadores em tempos remotos, os objetos contemporâneos trazem informações sobre a cultura de seus produtores, como uma espécie de DNA configurado pela tecnologia envolvida na fabricação e pelos atributos formais e materiais que os compõem, além do sentido social descrito em suas formas de utilização.” (2013, p.43)

Todo o arcabouço de práticas que se processam num movimento conjunto com outros segmentos da sociedade, são constitutivos da cultura local e passíveis de figurar em instituições como museus, devido a diversidade de saberes e técnicas presentes na cultura naval seja no rio, no mar ou em terra, dada a extensão das atividades fluviais e marítimas. Além disso, ressalta-se que existe interatividade nas práticas dos pescadores locais com os de outros bairros da orla de Cabedelo, e até mesmo de outras cidades, a exemplo de Forte Velho no município de Santa Rita e em Carne de Vaca, praia pertencente a Pernambuco na divisa com a Paraíba, onde também existe a tradição da Corrida de Caícos a vela.

Se o “patrimônio é uma dimensão da memória” (CANDAU, 2012, p.16), fomentar o desenvolvimento da cultura material e imaterial dos moradores do bairro de Jardim Manguinhos é uma forma de promover a manutenção de práticas que estimulam a construção de uma identidade. Atualmente, assimilando e modificando o conhecimento acerca da cultura local, através dos objetos utilizados durante a pesca artesanal em seu cotidiano, os ribeirinhos influenciam na construção da memória através da atuação dos indivíduos em sua coletividade.

Figura 27 – Ribeirinhos reunidos às margens do Rio Paraíba do Norte.



Fonte: Ocione Fernandes

A cultura material e imaterial presente nas relações estabelecidas entre os ribeirinhos no bairro de Jardim Manguinhos, na foz do Rio Paraíba do Norte, é parte constitutiva da memória e da identidade da cidade de Cabedelo. Dessa forma, a navegação no referido rio e todo conjunto de artefatos que envolvem essa prática, deve ser registrado e preservado em instituições físicas ou virtuais. A esse respeito, segundo Marcus Dohmann:

“Os artefatos produzidos e preservados por uma sociedade evidenciam seus modos de vida e seus valores através dos tempos, comprovado pelos inúmeros testemunhos da sua cultura material: construções, monumentos, estradas, placas, moedas, roupas, adornos, além de toda sorte de objetos de uso pessoal que, entre efêmeros e registros documentais, atestam o cotidiano revelador das possibilidades materiais e intelectuais na produção de estilos de vida, como verdadeiros retratos de época.” (2013, p.36)

Apesar da mudança de condições políticas, econômicas e sociais, pelas quais têm passado os ribeirinhos nos últimos anos e das dificuldades resultantes da falta de incentivo à cultura, no rio, a ação dos pescadores em consonância com a coletividade da comunidade demonstra, para além da manutenção cultural, a criação de novas formas de uso, perpetuando o significado da vela enquanto objeto, movimento que ocorre devido à ressignificação da vela, que passa a ter conotação de lazer e desporto em detrimento da pesca artesanal.

Ainda segundo Dohmann (2013, p.38), “o objeto é considerado útil, especialmente enquanto ícone repleto de significados, como consequência lógica do desprezo para o valor de uso. O signo assumiu a condição de preencher a sua principal função”. Processo semelhante tem ocorrido com a Corrida de Caícos, posto que a utilização da vela como objeto necessário à navegação não é redutível a sua “função”, como assinala Miller (2013, p. 75), ou seja, impulsionar embarcações no rio ou no mar através dos ventos. Atualmente ela se sobrepõe às atividades laborais dos ribeirinhos e se aproxima de uma conotação simbólica.

5. METODOLOGIA

De acordo com a proposição dos objetivos, adotou-se uma metodologia teórico-prática pautada em pesquisas referentes ao estudo da cultura material, da memória e do patrimônio. Sob uma abordagem multidisciplinar, qualitativa e descritiva, fundamentada nas análises de Funari e Ferreira (2003), Barros (2004), Bonsiepe (2011), Dohmann (2013), Joel Candau (2013), Miller (2013) e Alves (2020), busca-se captar as relações intercambiadas entre os objetos e os agentes sociais presentes no bairro de Jardim Mangueiros, situado na foz do Rio Paraíba do Norte, no município de Cabedelo – PB, através da escrita, registro fotográfico e manipulação de imagens por meio de técnicas de Design Gráfico.

A produção textual desenvolveu-se em consonância com a produção fotográfica, uma dando suporte a outra, abordando a cultura material e imaterial, desenvolvida ao longo de décadas. Além da realização de uma entrevista aberta com o pescador e habitante do bairro, Reginaldo Pedro da Silva “Rei” e das visitas realizadas no estuário do rio, onde foi possível conversar com outros pescadores e realizar os registros fotográficos dos objetos e práticas que embasaram a pesquisa.

Do corpo do texto extraiu-se algumas citações decorrentes da observação, da memória e da identidade local que irão corroborar com a descrição das atividades presentes no cotidiano do bairro, no intuito de ampliar a contemplação e o aprendizado sobre o tema.

Após a produção de mais de 200 fotografias, elencamos e tratamos através dos programas (Adobe Photoshop, Adobe Color, etc.), 20 imagens de acordo com os requisitos definidos pelo Museu Marítimo EXEA, que também definiu a tipografia adotada. Quanto a paleta de cores, optamos pela definição estética de manter saturados os objetos relacionados à pesca artesanal e a navegação a vela, e dessaturar o restante da paisagem e dos elementos que compõem a fotografia, colocando em destaque artefatos e atividades inerentes à cultura ribeirinha.

6. RESULTADOS: EXPOSIÇÃO VIRTUAL NO MUSEU MARÍTIMO EXEA

Apresentar a cultura local e suas peculiaridades no Museu Marítimo EXEA é fundamental para dar visibilidade aos saberes e artefatos desenvolvidos no bairro de Jardim Mangueiros, objeto desse estudo. O caíco, sob a composição do mastro junto à tranca e o pano de vela, forma uma imagem que confere identidade à navegação em Cabedelo. Nesse sentido, Candau (2012, p. 26), afirma que “O objeto material que é preciso conservar, restaurar ou ‘valorizar’ é sempre descrito como um marco, dentre outros, da identidade representada de um grupo (...)”. Essa composição identitária da cidade, diante da possibilidade de esquecimento dos ofícios e atividades ligadas à navegação a vela, deve ser mantida e preservada em instituições como museus.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, surgiu a oportunidade de inserção da exposição “Lacunas na paisagem: cultura das velas em Cabedelo” também no Google Arts & Culture, museu online e de alcance mundial da empresa Google em recente parceria com o Museu Marítimo EXEA. Entendemos o crescimento de museus virtuais não como substituto ao físico, mas sim, como propagador da acessibilidade à cultura. Nesse sentido, analisar as especificidades da cultura local através do registro do cotidiano do pescador é fundamental para preservar a identidade do cabedelense, dado o entrelaçamento entre o setor primário da economia e a população.

A exposição foi dividida em 4 seções e possui mobilidade de imagens e textos, que representam as nuances do estuário do Rio Paraíba, das embarcações, dos ribeirinhos, e das velas, as texturas remetem à areia das margens do rio, ao mangue, à madeira dos barcos; a tipografia adotada será de acordo com o layout do Museu Marítimo EXEA, amplamente testada e que possui boa legibilidade em mobile ou desktop; a ergonomia da exposição articula imagens e textos sucintos sobre a cultura ribeirinha. A estética da exposição é voltada para o público em geral e visa tornar a visita ao Museu dinâmica e prazerosa.

Com o intuito de dar visibilidade à cultura material e imaterial ribeirinha da cidade de Cabedelo, a exposição organiza-se através de um olhar específico que se insere nessa riqueza cultural sob um contexto mais amplo e que carece

de incentivo da iniciativa privada, e sobretudo, do poder público, em prol do desenvolvimento sustentável da comunidade a partir da valorização identitária interna e externa, considerando seu potencial sociocultural e turístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência de políticas culturais perenes e a possibilidade de abandono de objetos e atividades referentes à navegação a vela e ao trabalho do pescador artesanal continuam em pauta e carecem de incentivo. Nesse sentido, a produção textual e fotográfica que empreendemos culminou na exposição virtual intitulada Lacunas na paisagem: cultura das velas em Cabedelo, lançada no Museu Marítimo EXEA e no Google Arts & Culture no dia 12 de abril de 2022.

A partir da produção textual e fotográfica, uma dando apoio a outra, a exposição foi direcionada a valorização e manutenção da cultura material ribeirinha e possibilitou a constatação de mudanças na prática de navegar a vela e na criação e transformação de objetos, tanto com materiais novos quanto com materiais reciclados, a exemplo, respectivamente, do carro para transportar o motor de rabeta e o tecido de paraquedas nas velas.

A pesquisa evidenciou que atualmente os ribeirinhos preferem o motor de rabeta para pescar e se deslocar no estuário do rio e na costa. Essa mudança de comportamento justifica a ausência das velas na paisagem, no entanto, constatamos que a coexistência entre velas e motores é possível, sobretudo, quando a navegação a vela no caíco fica em evidência durante a Corrida de Caícos, que configura a única forma de manutenção dessa prática.

Fica a constatação de que os ribeirinhos têm evoluído e ressignificado artefatos e práticas que lhes conferem identidade. Mesmo com a falta de iniciativas pujantes dos setores público e privado, as adversidades não impedem a manutenção e o desenvolvimento da cultura ribeirinha, pois o investimento feito pelos pescadores é significativo. Dessa forma, apresentamos ao público em geral de forma gratuita, a cultura material e imaterial do pescador artesanal no bairro de Jardim Manguinhos em Cabedelo – PB, na foz do Rio Paraíba do Norte, com o intuito de que esse trabalho possa servir de referência para a cultura, a educação e o turismo em Cabedelo.

A exposição além de conferir visibilidade à cultura cabedelense, possibilita o desenvolvimento do trabalho sustentável aos ribeirinhos através do turismo de experiência na foz do Rio Paraíba do Norte ou na costa do município. Vislumbrou-se apenas uma pequena parte da cultura material e imaterial desenvolvida no bairro de Jardim Manguinhos, dada a quantidade e

complexidade das relações sociais ali processadas, dando margem ao desenvolvimento de futuras pesquisas sobre a temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ticiano; MANTAS, Vasco. (2015). Arqueologia Marítima, Naval, Náutica e Subaquática uma proposta conceitual. **Al-Madan Online**, Almada, 2 série, n. 20, tomo 1, p. 50-55. https://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline20_1.

ALVES, Ticiano. (2020). O patrimônio naval e o seu estudo pela Arqueologia: algumas considerações. **Pesquisa e Ensino em Ciências Exatas e da Natureza**, v. 4. <http://dx.doi.org/10.29215/pecen.v4i0.1586>.

ARAÚJO, Diandra; BEZERRA, Rogério. Mapeamento dos manguezais do estuário do Rio Paraíba, **Revista Principia**, n. 40, p. 63-75, 2018.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História – Especialidades e Abordagens**, Petrópolis: Vozes, 2004. 222 p.

BONSIEPE, Gui. **Design, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

DOHMANN, Marcus et al. **A experiência material: a cultura do objeto**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

FUNARI, P. P. A.; FERREIRA, L. M. (2003). Cultura Material Histórica e Patrimônio, **IFCH/UNICAMP**, Campinas.

MENDES, J. Amado. (2013). **Estudos do património: museus e educação**. 2. ed. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://ucdigitalis.uc.pt/pombalina/item/53152>.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MORAES, Dijon De. **Análise do design brasileiro: entre mimese e mestiçagem**. São Paulo: Blucher, 2005.

PIMENTEL, Altamar de Alencar. **Cabedelo** (História). v. 2 João Pessoa: A União Editora/ Prefeitura Municipal de Cabedelo, 2002.

GLOSSÁRIO

Caçara: Tipo de abrigo feito com madeira, palha de coqueiro e recicláveis, utilizado para guardar todo o material utilizado pelo pescador.

Caíco: Embarcação de pequeno porte, construída com madeira, semelhante à canoa.

Mastro: Objeto em madeira ou bambu que sustenta o pano de vela verticalmente.

Tranca: Objeto em madeira ou bambu que sustenta o pano de vela horizontalmente.

Bolina: Tábua adicionada entre o mastro e a borda do caíco durante a navegação a vela.

Samburá: Objeto semelhante a um pequeno cesto com tampa, utilizado para acondicionar os peixes durante a pesca.

APÊNDICE

Imagens – Exposição Museu Marítimo EXCEA

Exposição virtual:

A cultura das velas em Cabedelo

Visite 



 MUSEU EXEA 



Cultura das velas em Cabedelo

Exposição virtual

Sobre a exposição

A exposição "Cultura das velas em Cabedelo" aborda a tradição da navegação a vela no bairro de Iardim Maneuinhos, na foz do Rio Paraíba do



de Jardim Manguinhos, na foz do Rio Paraíba do Norte, apresentando sua importância para a manutenção da cultura material e imaterial da cidade, localizada na Paraíba, Nordeste do Brasil. Aliados das narrativas dominantes, o pescador artesanal e uma infinidade de agentes sociais carecem da inserção no processo histórico de formação da identidade cabedelense, dada sua presença na economia e na cultura local. (...) Nesse sentido, preservar o registro desse conhecimento em instituições museológicas torna-se fundamental para o resguardo da cultura que permeia a cidade.

Status: Lançada
Data de lançamento: 12Abr2022
Observação: Exposição em parceria com o curso de Design Gráfico do Campus Cabedelo, Instituto Federal da Paraíba / Brasil.

Visitar 



É crescente a possibilidade de se perder, ao longo dos anos, técnicas, ofícios e tradições que estão cada vez mais em desuso, a exemplo da vela nas pequenas embarcações, em detrimento da utilização do motor de rebeta.

Google Arts & Culture



Nesse sentido, preservar o registro desse conhecimento em instituições museológicas torna-se fundamental para o resguardo da cultura que permeia a cidade.



Parceria

Exposição em parceria com o curso de Design Gráfico do Campus Cabedelo, Instituto Federal da Paraíba / Brasil.





Fonte: <https://www.museuexea.org/a-cultura-das-velas-em-cabelo>

Imagens – Exposição Google Arts and Culture







Google Arts & Culture

Página Inicial Explorar Jogar Por perto Favoritos [Fazer login](#)

Cultura das velas em Cabedelo - Navegação à vela: objetos e práticas

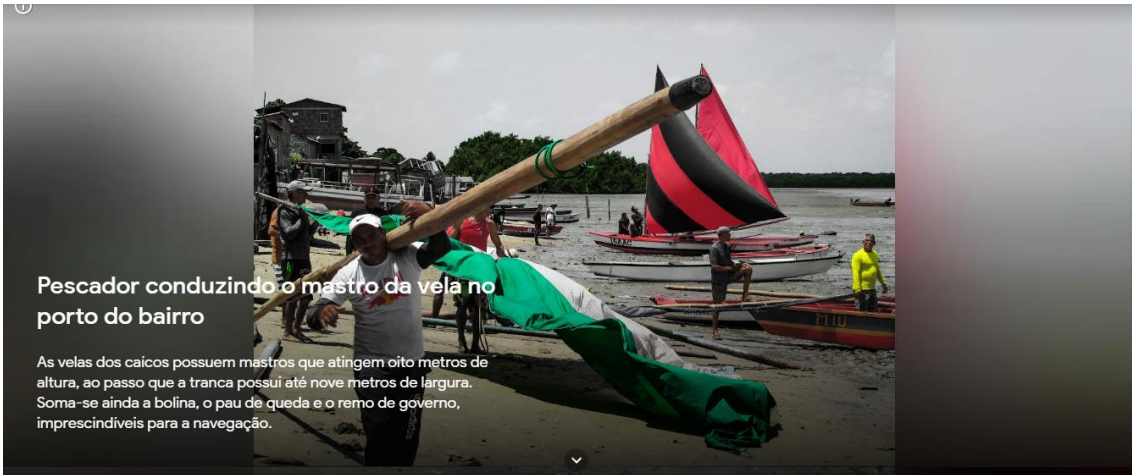
Em Cabedelo, seja no rio ou no mar, "sine qua non" é navegar.

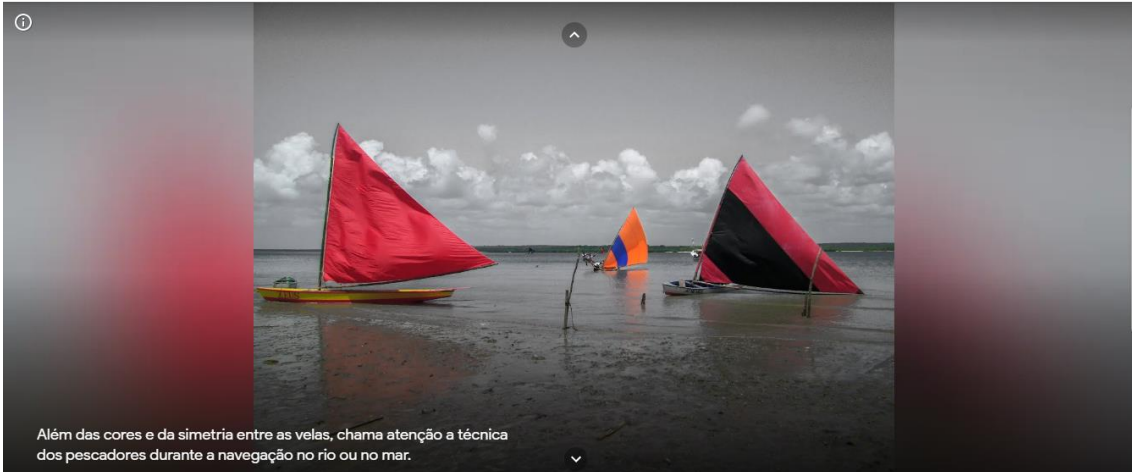
Do Museu Marítimo EXEA

Por Dcione Fernandes

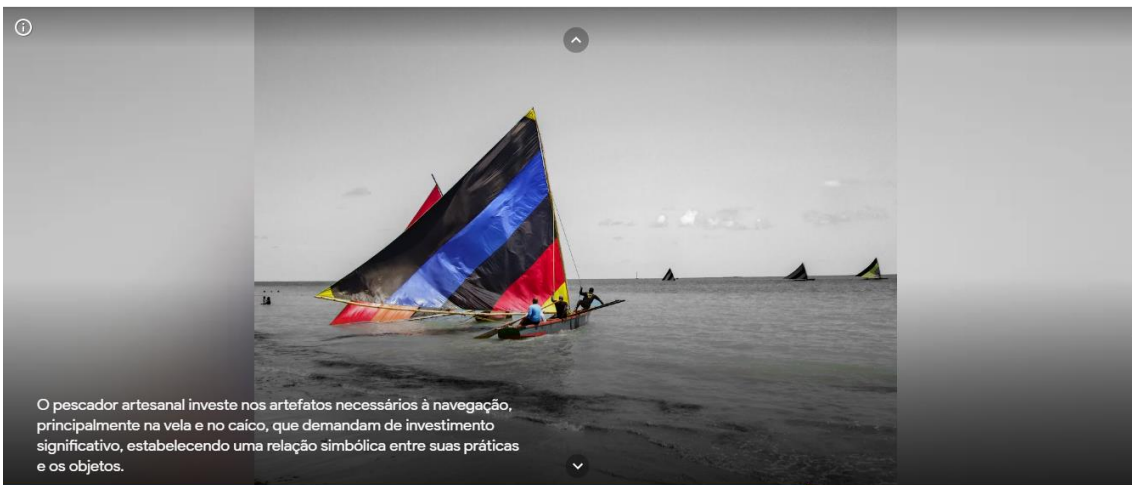
A navegação à vela requer o trabalho em
equipe

Atividades artesanais e modos de fazer e usar objetos são transmitidos por gerações, como pintar ou calafetar uma embarcação, navegar a vela, costurar rede, dentre outras, que se transformam ao longo dos anos e constituem o trabalho do pescador em terra e no mar.





Além das cores e da simetria entre as velas, chama atenção a técnica dos pescadores durante a navegação no rio ou no mar.



O pescador artesanal investe nos artefatos necessários à navegação, principalmente na vela e no caíco, que demandam de investimento significativo, estabelecendo uma relação simbólica entre suas práticas e os objetos.



A Corrida de Caícos e a manutenção da cultura

Esta é a sessão 3 de 4. [Vá para a sessão 4.](#)

Google Arts & Culture

Página inicial Explorar Jogar Por perto Favoritos Fazer login

Cultura das velas em Cabedelo - A Corrida de Caicos e a manutenção da cultura

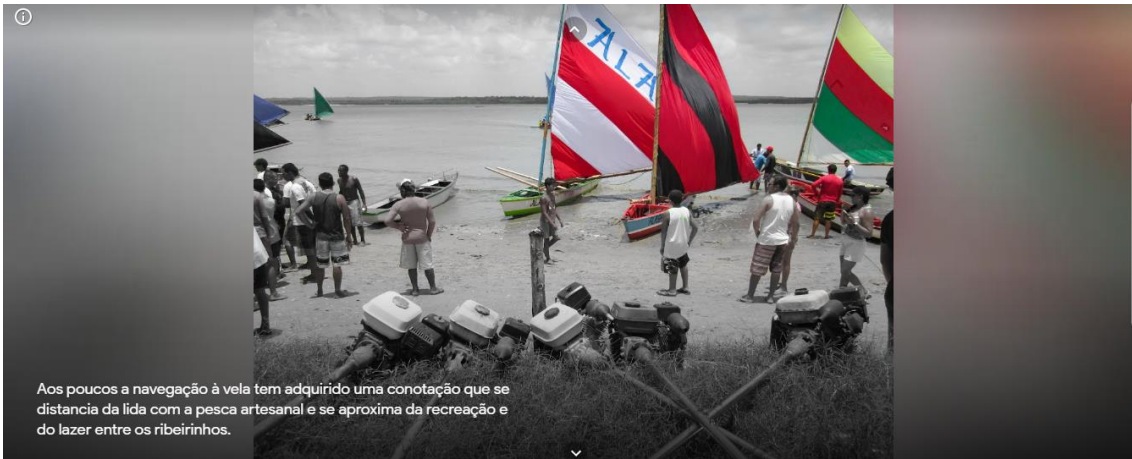
Lacunhas na paisagem, a expressão "olha a refrega" vai acabar. Jaz o formato das velas, vem o barulho no mar, outro ritmo a navegar.

Do Museu Marítimo EXEA

Por Ocione Fernandes

Em primeiro plano, caico com motor de rabeta e rede. Ao fundo, as velas se destacam nos caicos.

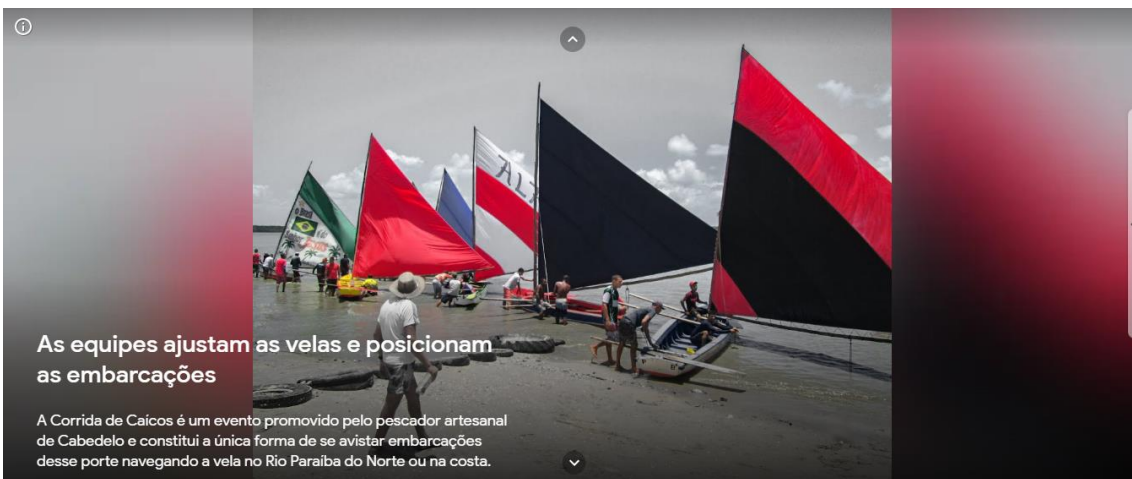
O motor de rabeta popularizou-se rapidamente entre os pescadores devido à facilidade de acesso e manutenção, baixo consumo de combustível e potência compatível com os caicos que predominam no estuário do rio. Essa mudança justifica a ausência das velas na paisagem.



Aos poucos a navegação à vela tem adquirido uma conotação que se distancia da lida com a pesca artesanal e se aproxima da recreação e do lazer entre os ribeirinhos.

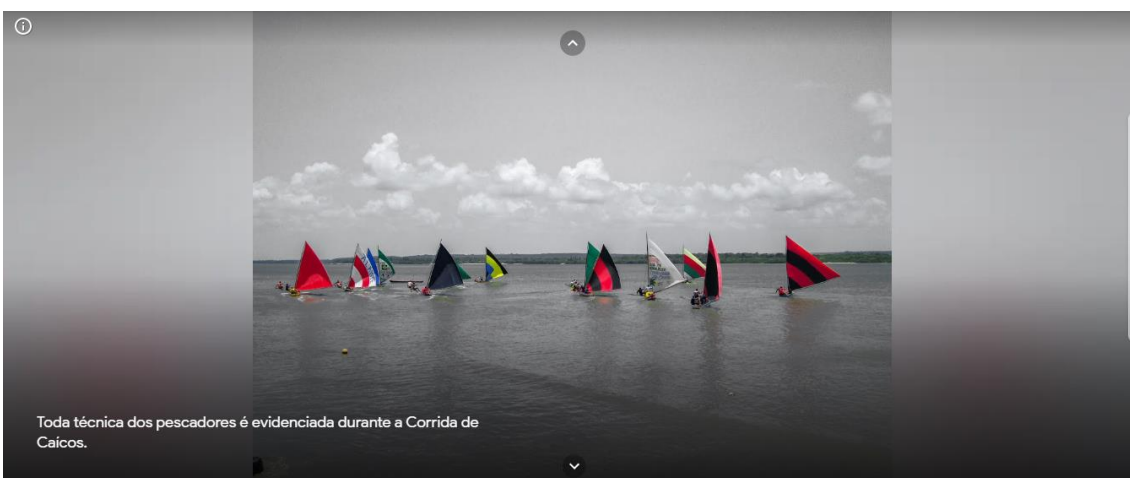


É notória a praticidade do motor de rabeta na pesca, em relação aos objetos necessários à navegação à vela, no entanto, a coexistência entre ambos é possível, e fica em evidência durante a Corrida de Caicos.



As equipes ajustam as velas e posicionam as embarcações

A Corrida de Caicos é um evento promovido pelo pescador artesanal de Cabedelo e constitui a única forma de se avistar embarcações desse porte navegando a vela no Rio Paraíba do Norte ou na costa.



A diminuição da navegação à vela no Rio Paraíba do Norte tem ocorrido por diversos fatores, a exemplo da mudança de materiais e da demanda do mercado. No entanto, a Corrida de Caicos tem mantido a tradição entre os pescadores.



Nesse sentido, registrar e expor artefatos e práticas que estão em constante transformação e, em alguns casos, caindo em desuso, é fundamental para o processo de preservação da cultura material e imaterial que permeia a cidade de Cabedelo.

Créditos: história

Texto, pesquisa e fotografia
Me. Oclione Fernandes

Tradução
Dr. Antônio Lawand

Orientador e Designer
Dr. Ticiano Alves

Campus Cabedelo, Instituto Federal da Paraíba - IFPB
Dra. Renata Amorim Cadena & Me. Rafael Leite Efrem de Lima

Fontes

ALVES, Ticiano. (2020). O patrimônio naval e o seu estudo pela Arqueologia: algumas considerações. Pesquisa e Ensino em Ciências Exatas e da Natureza, v. 4.
BONSIEPE, Gui. Design, Cultura e Sociedade. São Paulo: Blucher, 2011.
CANDAUI, Joel. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2012.
DOHMANN, Marcus et al. A experiência material: a cultura do objeto. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.
FUNARI, P. P. A.; FERREIRA, L. M. (2003). Cultura Material Histórica e Patrimônio, IFCH/UNICAMP, Campinas.
MENDES, J. Amado. (2013). Estudos do patrimônio: museus e educação. 2. ed. Imprensa da Universidade de Coimbra.
PIMENTEL, Altmar de Alencar. Cabedelo (História). v.2 João Pessoa: A União Editora/ Prefeitura Municipal de Cabedelo, 2002.

Fonte: <https://artsandculture.google.com/story/EgXBy96WV1P7Tw>

ANEXO



Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz, Nome e Dados Biográficos em Obras de Preservação Histórica

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor **obras diversas de preservação histórica** que venha a ser planejadas, criadas e/ou produzidas pelo Museu Virtual Marítimo EXEA (CNPJ: 41.485.112/0001-67), sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus ao Museu Virtual Marítimo EXEA ou terceiros por esse expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada à **preservação da memória histórica**, em todo território nacional e no exterior.

As obras que utilizarem as imagens, sons, nomes e dados biográficos objetos da presente Autorização, poderão ser disponibilizadas, a exclusivo critério do Museu Virtual Marítimo EXEA, através da licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brasil (CC BY-NC-SA 2.5 BR), ficando certo que o presente documento autoriza essa forma de licenciamento.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

cabredo 12 de Abril de 20 22

Rubinaldo Pedro da Silva
Assinatura

| | |
|---|---------------------------------|
| Nome: | <u>Rubinaldo Pedro da Silva</u> |
| Endereço: | <u>R: eleito campo N°-88</u> |
| Cidade: | <u>cabredo</u> |
| RG N°: | <u>1.612.664</u> |
| CPF N°: | <u>826.853.204-15</u> |
| Telefone para contato: | <u>9 8781-4985</u> |
| Nome do Representante Legal (se menor): | |